



Comemorar, Relembrar, Aprender: o Dois de Julho nas aulas de História

Celebrate, Remember, Learn: the 2nd of July in History classes

Celebrar, Recordar, Aprender: el Dos de Julio en las clases de Historia

Lina Maria Brandão de Aras¹
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Sérgio Armando Diniz Guerra Filho²
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Se é verdade que a Independência do Brasil tem uma narrativa centrada no 7 de setembro de 1822 e no Grito do Ipiranga, elevado à condição de mito de criação da nação brasileira, os manuais e as aulas de história contribuíram muito significativamente para tal situação. Nessa linha, haverá imagem mais veiculada nos livros didáticos de história do que o quadro de Pedro Américo, onde estão reproduzidos os atos às margens do riacho Ipiranga, em São Paulo?

Buscando uma percepção mais complexa sobre as nossas próprias origens, no bojo das comemorações do Bicentenário, é perceptível que, nas últimas décadas, foram produzidos novos olhares sobre o processo de Independência, trazendo à cena outras regiões do Brasil, outros grupos sociais, suas ideias, projetos políticos e lutas. O Dois de Julho – entendido como o fato em si da guerra de independência que teve lugar na Bahia mas, também, as diversas narrativas presentes nas festas de Caboclos e Caboclas que acontecem em várias cidades do estado e que reafirmam um protagonismo popular nas lutas pela independência em solo baiano – ganhou grande destaque nos eventos acadêmicos, mas também na mídia e em manifestações artísticas que vão desde o tema da Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis, Rio de Janeiro, até a música Corneteiro Luís, da banda BaianaSystem, passando pela homenagem, também carnavalesca, do Afoxé Filhos de Gandhi aos Caboclos e toda sua polissemia.

¹ Doutora em História pela UFPE, Professora Titular aposentada da UFBA. <https://orcid.org/0000-0003-0654-9777>. Endereço eletrônico: linaaras60@gmail.com.

² Doutor em História Social pela UFBA, Professor Adjunto da UFRB. <https://orcid.org/0000-0001-8962-8395>. Endereço eletrônico: sergio.ufrb@gmail.com.



Assim, cabe a nós a tarefa de impulsionar esse debate, tendo o ensino de História como cenário para a construção de novas percepções sobre a Bahia, o Brasil e seu povo. Os currículos de história, já sabemos, são geralmente pouco sensíveis aos temas regionais e locais, pois prevalece uma certa história nacional centrada nas regiões mais ao sul do Brasil – vide o retrocesso impetrado pela Base Nacional Comum Curricular, publicada em 2017. Acreditamos que uma das saídas para superar essa lacuna é a produção de materiais didáticos com temáticas regionais e sua adoção por escolas e docentes da Educação Básica.

Para contribuir com a atualização e disseminação das novas interpretações sobre a Independência do Brasil na Bahia e sua presença nos currículos escolares, a Revista de Ciências Humanas e Linguagens ABATIRÁ abriu espaço para a organização do Dossiê “Dois de Julho na aula de história”. A proposta reúne reflexões e experiências docentes que abordam a temática da Independência do Brasil na Bahia e outros objetos a ela relacionadas, a partir da utilização de fontes e linguagens nas salas de aula.

Dessa maneira, foi possível reunir seis contribuições no campo do Ensino de História, refletindo e propondo ações no chão da escola, através da utilização de recursos, estratégias, metodologias e abordagens pelo viés crítico e dialógico, tendo como pano de fundo a Independência do Brasil na Bahia e os festejos do Dois de Julho.

Em geral, a Bahia aparece nos livros didáticos com a trajetória de Maria Quitéria de Jesus Medeiros, cujo retrato de corpo inteiro se tornou frequente quando o tema da Independência do Brasil é tratado. Seguindo essa permanência, Leandro Almeida apresenta um estudo sobre as diversas representações de Maria Quitéria, com o artigo “O retrato de Maria Quitéria: a produção de um material didático de História baseado em imagens” onde realiza uma reflexão sobre a produção imagética nos livros didáticos a partir dos retratos de Maria Quitéria. Para tanto, o autor faz uma análise sobre a elaboração de tais retratos de Maria Quitéria e como eles podem ser levados ao debate em sala de aula.

Para discutir a abordagem da Independência nos livros didáticos, Irineu Aranha, apresenta a problemática da pouca ou nenhuma presença de negros e negras em dois livros didáticos de História utilizados na rede de ensino onde atua, no Ensino Fundamental – anos Finais, com o estudo “Livro didático: a ausência do Negro na narrativa da Guerra de



Independência na Bahia”. Essa invisibilidade causa um grande prejuízo à formação histórica e cultural na sociedade brasileira. A partir de uma revisão da historiografia sobre o tema, o autor encaminha o leitor para a chamada história vista de baixo e busca a inserção e participação da população negra nos livros didáticos, para que recebam a atenção necessária de sua presença na guerra de Independência do Brasil na Bahia.

Em “Vozes da independência: Experiências de mulheres negras na Independência da Bahia”, as autoras Viviane Bandeira e Andrea Moreira trazem, no contexto da Independência da Bahia, uma discussão sobre os papéis femininos das mulheres negras e a sua inserção nos movimentos de independência. Elas chamam a atenção para as lacunas presentes na historiografia sobre as mulheres negras e suas participações nos embates que culminaram com o 2 de julho de 1823.

Sávio Rodrigues chega ao dossiê com o artigo “2 de Julho nas Histórias em Quadrinhos: Ensino de História da Independência do Brasil na Bahia através da Ficção”, no qual discute as potencialidades e possibilidades de utilização dos quadrinhos na sala de aula, apresentando uma proposta de abordagem, críticas e as metodologias para sua utilização no ensino de História.

“RPG e Independência da Bahia: desafios, jogabilidade e experiências na construção de um material paradidático gamificado” é o artigo apresentado por Sandro Augusto Cerqueira Júnior. O autor inicia com uma discussão sobre o uso de RPG no ensino e apresenta o material a ser utilizado para discussão sobre o caráter da independência para as populações escravizadas no Brasil. O produto poderá ser utilizado em sala de aula do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. O texto chama a atenção para o uso da linguagem gamificada e os resultados já alcançados na aplicação em sala de aula.

A seguir, Josenilda Mesquita apresenta reflexões sobre a produção e uso de outro RPG, desta vez, digital, produzido e experimentado a partir da sua tese de doutorado. No artigo “RPG e Ensino: tecendo aprendizagens sobre a História da Independência do Brasil na Bahia”, a autora explora as possibilidades de aprendizagem histórica a partir do “RPG 2 de Julho”, o qual vem desenvolvendo desde 2018. Para ela, as características narrativas próprias desse tipo de jogo criam um ambiente propício à aprendizagem de conteúdos substantivos e conceituais a partir da tematização da Guerra de Independência do Brasil na Bahia.



Apresentados os artigos componentes desse dossiê, fica aqui o nosso convite à leitura dos trabalhos, mas, fundamentalmente, o desejo de que possamos dar maior presença à história regional em nossos currículos escolares, através de temas tão caros ao nosso povo, e tão capazes de produzir aprendizagens significativas, como é o caso do Dois de Julho.

Lina Aras e Sérgio Guerra Filho

Apresentação
Dossiê Temático